



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Agroecologia e terapia ocupacional: caminhos para (re) pensar a ocupação humana

Agroecology and occupational therapy: ways to think human occupation

FARIAS, Magno Nunes; FALEIRO, Wender

Universidade Federal de Goiás (UFG), Regional Catalão, magnonfarias@hotmail.com; wender.faleiro@gmail.com

Tema Gerador: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo

Esse texto objetiva promover o diálogo entre a Terapia Ocupacional (TO), enquanto campo que vem se debruçando sobre a ocupação humana, com a Agroecologia, enquanto movimento insurgente que vem reivindicando formas alternativas de se relacionar com a natureza e seus recursos, superando a Colonialidade da Natureza. É um trabalho de reflexão por meio de revisão bibliográfica. A ocupação humana de sujeitos e grupos sociais estão relacionadas com seus posicionamentos ecológicos dentro do ecossistema, relacionada com suas maneiras de se relacionarem com a natureza, que pode ser destrutiva/alienada ou sustentável/consciente. Assim, para a superação de ocupações humanas pautadas no paradigma capitalista e baseada na Agroecologia é fundamental que exista diálogos com a TO, que busca entender a ocupação humana e tem a capacidade de intervir nessa ocupação, e construir espaços para superação de padrões ocupacionais baseados no paradigma capitalista, com outros profissionais em uma relação interdisciplinar.

Palavras-chave: Colonialidade da natureza; Ecologia; Educação Ambiental; Práxis.

Abstract

This text aims to promote the dialogue between Occupational Therapy (TO), as a field that has been focusing on human occupation, with Agroecology, as an insurgent movement that has been claiming alternative ways of relating to nature and its resources, surpassing the Coloniality of Nature. It is a work of reflection through a bibliographical review. The human occupation of a subject or social group is related to its ecological position within an ecosystem, related to its way of relating to nature, which can be destructive/alienated or sustainable/conscious. Thus, in order to overcome human occupations based on the capitalist paradigm and based on Agroecology, it is fundamental that there be dialogues with professions with TO, which seeks to understand human occupation and has the capacity to intervene in this occupation, and to build spaces to overcome patterns Based on the capitalist / agroindustrial paradigm, along with other professionals in an interdisciplinary relationship.

Keywords: Coloniality of nature; Ecology; Environmental education; Praxis.

Introdução

Esse trabalho pode contribuir para o Tema Gerador *Construção do Conhecimento Agroecológico* no sentido em que ele abre novas reflexões tanto para a Agroecologia quanto para a Terapia Ocupacional, estabelecendo uma relação interdisciplinar focalizada na transformação social, política e ecológica. Subsidiando novas perspectivas



entendendo que a “Agroecologia convoca a um diálogo de saberes e intercâmbio de experiências; a uma hibridação de ciências e técnicas; a uma *interdisciplinaridade*” (LEFF, 2002, p.42, grifo nosso).

Tendo em vista a globalização do capitalismo e a ampliação de padrões de ocupação humana nocivos para a vida presente e futura da humanidade, esse trabalho tem como objetivo dialogar, a *Terapia Ocupacional*, enquanto campo de conhecimento que vem se debruçando sobre a ocupação humana, com a *Agroecologia*, entendendo-a como um movimento insurgente que reivindica formas alternativas de se relacionar com a natureza e seus recursos, superando a Colonialidade da Natureza. Reconhecendo a Agroecologia enquanto campo interdisciplinar, que vem ampliando-se e constituindo pontes com diversas áreas do saber. Assim, busca-se refletir como a Terapia Ocupacional pode contribuir, enquanto profissão e campo de conhecimento, com responsabilidade social, ecológica e política, para o desenvolvimento de ocupações humanas ecologicamente responsáveis, a partir do paradigma da Agroecologia.

Material e Métodos

Trata-se de um trabalho de reflexão, onde busca-se através da realização de uma revisão bibliográfica (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009) sobre a Agroecologia e a Terapia Ocupacional realizar diálogos entre essas duas áreas de conhecimento. Almejando assim, pensar a Terapia Ocupacional e a ocupação humana a partir da perspectiva da Agroecologia.

Resultados e Discussão

A Agroecologia como movimento de superação da Colonialidade da Natureza

A Agroecologia se caracteriza como um novo paradigma produtivo, que se estabelece a partir de novas relações com a natureza, com o ser humano, com a ciência, com os conhecimentos dos camponeses, quilombolas, indígenas, entre outros povos. É um movimento de “reconstrução do ser que finda sobre novas bases o sentido da produção e abre as vias a um futuro sustentável” (LEFF, 2002, p.36). Perpassa a compreensão da natureza enquanto agroecossistema produtivo, superando limitações da racionalidade econômica que levam a sua degradação, a partir de uma apropriação destrutiva, e que leva a desterritorialização dos sujeitos subalternizados, que possuem relações responsáveis e de respeito com esse espaço (camponeses, indígenas, ribeirinhos, entre outros sujeitos).



Assim, a Agroecologia questiona e desestabiliza o *status quo* da Colonialidade da Natureza. A Colonialidade da Natureza se coloca na construção do binarismo entre natureza e sociedade, subsidiado pela colonialidade do poder e saber calcada na ideia eurocêntrica/moderna/civilizatória/urbana. Esse paradigma dita enquanto correta a relação do homem colonizador/invasor com a natureza pautada na dominação, exploração e expropriação. Essa ideia se constitui a partir da deslegitimação das relações mágico-espiritual-social-ancestral de respeito com a natureza dos povos subalternizados (indígenas, quilombolas, camponeses) (WALSH, 2008), para afirmar a expansão e invasão do capitalismo. Desta maneira, se qualifica como uma estratégia de acumulação de capital baseada na exploração dos territórios e recursos naturais da América Latina (ASSIS, 2014), que pode ser observada pela expansão do neoliberalismo a partir do agronegócio e da própria historicidade marcada pela Revolução Verde (GUHUR; TONÁ, 2012) e acontece também na difusão hegemônica de padrões de comportamentos cotidianos pautados na dominação e desvalorização da natureza.

Nesse sentido, a difusão dessa ideologia da Colonialidade da Natureza perpassa o cotidiano de todos os sujeitos, nas dimensões micro e macrosociais, desde processos como a Revolução Verde (movimento iniciado na década de 1950 de modernização e aumento da produtividade agrícola, um pacote tecnológico focada na acumulação de capital, no agronegócio e concentração fundiária) (PEREIRA, 2012), até a incorporação de padrões de comportamentos cotidianos do sujeitos (no fazer humano: como escovar os dentes, tomar banho, consumo de alimentos e demais produtos, na produção de lixo, no uso de automóveis, entre outros comportamentos que comprometem a terra, e estão estabelecidos a partir de um relação de dominação e alienação, pautado com padrão de comportamento capitalista, individualista e consumista) que não busca e prioriza estabelecer uma relação de valorização e respeito pelos recursos naturais. Assim, essa Colonialidade está arraigada no comportamento dos sujeitos, estilos de vida (GALANO et al., 2002), em variadas dimensões, e a Agroecologia age como movimento de contestação dessas relações nocivas (micro e macro).

Desta forma, a Agroecologia vai além de um movimento focalizado em práticas agrícolas ou conjunto de técnicas vinculadas com o agroecossistema, mas a partir dos seus movimentos de valorização cultural e focalizando no questionamento do *status quo* das relações de poder, se constitui como um conjunto de conhecimento que vem discutindo as relações humanas, aspectos epistemológico, ontológicos, econômicos, culturais e sociais. Campo de conhecimento juntamente constituído com a luta de povos histórica-



mente subalternizados pela colonialidade e capitalismo, como os povos camponeses. Se qualificando então como um movimento de resistência camponesa pelos seus modos de reprodução material e imaterial (GUHUR; TONÁ, 2012).

Diálogos entre a Agroecologia e a Terapia Ocupacional (TO)

A TO é uma profissão de nível superior, que intervém e pesquisa questões relacionadas com a ocupação humana, compreendendo que todo ser humano é um ser ocupacional, sendo a ocupação as “atividades estruturantes da vida cotidiana que, dotadas de significado e valor pessoal e sociocultural, promovem e expressam a participação desejada ou necessária de pessoas ou coletivos na sociedade” (ALMEIDA et al., 2015, p.54). Assim, essas ocupações humanas têm diversos efeitos no ecossistema, são estabelecidas a partir da relação com a natureza, com a terra, com os recursos. Nessa perspectiva, a profissão tem o potencial para pensar e construir possibilidades e estratégias ocupacionais que dialoguem a partir de um desenvolvimento verdadeiramente sustentável, tomando como base a Agroecologia enquanto movimento desestabilizador de ocupações nocivas ao meio ambiente.

Desta forma, procura-se pensar as perspectivas da Agroecologia em diálogo com a TO, tendo em vista essas reflexões sobre novas concepções de mundo, onde a ocupação humana está pautada na justiça social, na conscientização e na superação de padrões de comportamentos destrutivos para vida humana. Compreende-se então, que a ocupação humana pode ter impactos positivos ou negativos nesse ecossistema, e historicamente e atualmente identifica-se que a ocupação humana alienada a questões ecológicas e sociais tem se realizado a partir de uma relação de degradação da terra. Porém, “Se a ocupação humana foi chave na degradação do meio ambiente, a ocupação deve ser a chave em sua recuperação/reabilitação” (WILCOCK, 2006 *apud* ALGADO, 2013, p. 08).

Assim, a TO enquanto profissão com responsabilidade política e social, também deve agir, seja em seus processos de intervenção ou produção de conhecimento, levando em conta aspectos relacionados à ecologia, tomando a Agroecologia enquanto movimento decolonial de resistência. Contribuindo para a construção de processos de conscientização/práxis (FREIRE, 1987) calcadas em ocupações humanas que potencialize o desenvolvimento sustentável, tendo em vista que a ocupação humana não é somente destrutiva, mas é capaz de transformar, reciclar, reduzir, reutilizar, ou seja, capaz de produzir uma nova relação com a natureza (SIMÓ ALGADO, 2013). Sendo fundamental olhar, dialogar e aprender juntamente os povos camponeses, quilombolas e indígenas, que estabelecem essa relação historicamente.



Os comportamentos ocupacionais historicamente estabelecidos com base no capitalismo e na Colonialidade da natureza, vem gerando o desmatamento da natureza, na perspectiva macro, no agronegócio, expansão neoliberal priorizando a economia, e microssocial, tendo em vista que o ser humano tem estabelecido no seu cotidiano uma relação com o meio ambiente pautada no desrespeito, (re) produzindo ocupações nocivas para a terra, desconectados com o cuidado com a natureza e imersos no ciber-mundo (SIMÓ ALGADO, 2012; 2013).

Assim, através do campo de conhecimento Agroecológico é possível subsidiar intervenções e produções de conhecimento dentro da terapia ocupacional. Pois, a agroecologia, enquanto teoria insurgente e alternativa, contribui na compreensão de como a ocupação humana (foco da TO) se relaciona diretamente com as questões dos ecossistemas, para que assim possamos pensar como a profissão pode contribuir na criação de possibilidades de ocupações alternativas para a transformação das relações de dominação e destruição da natureza. Estabelecendo em sua atuação uma (re) conexão do ser humano com o meio natural, no sentido de romper comportamento de dominação e antropocêntricos.

Nesse sentido, busca-se a partir da Agroecologia enquanto campo que tem produzido novas racionalidades que estabelece diálogos com a diversidade cultural indígena, quilombola, camponesa, entre outros coletivos de resistência, fazer uma TO que questione e rompa com esse modelo ocupacional e civilizatório (capitalista/urbanocêntrico) dominante que “degrada o ambiente, subvaloriza a diversidade cultural e desconhece o Outro (o indígena, o pobre, a mulher, o negro, o Sul), enquanto privilegia um modo de produção e estilo de vida insustentáveis que se tornaram hegemônicos no processo de globalização” (GALANO et al., 2002, p. 01, tradução nossa). Compreendendo a crise ambiental como uma crise social, relacionada com a ocupação humana destrutiva, para que assim possa realizar seu trabalho de Terapeuta Ocupacional olhando para essa questão, sob o paradigma da Agroecologia, buscando auxiliar coletivos e sujeitos a (re) significar, (re) construir e transformar padrões de ocupações problemáticos, e, acima de tudo, olhando para a diversidade cultural, valorizando os sujeitos historicamente subalternizados para pensar a construção de uma realidade alternativa e contra hegemônica.

A agroecologia é movimento de transformação do hegemônico, a partir de novas enunciações e epistemologias, capaz de subsidiar a práxis (reflexão e ação) da TO, para que essa em sua ação tenha a ecologia como princípio da conscientização em sua prática de pesquisa e intervenção, objetivando a consciência ecológica e social. Pois a agroecologia ao pensar nos modos de produção sustentáveis, conscientiza e pro-



blematiza os modos de vida, de existência sustentáveis, pensa em transformação dos padrões de ocupação humana capitalistas, sendo a Terapia Ocupacional potente dentro desse campo.

Desta forma, os conhecimentos da Agroecologia permitem “desarrollar una terapia ocupacional eco-social, cuyo principal objetivo es la co-creación de comunidades inclusivas y sostenibles, junto a las comunidades con las que tenemos el privilegio de trabajar” (SIMÓ ALGADO, 2012, p.13). Assim, a profissão, sob essa égide atuará nos espaços com o foco na produção de vidas sustentáveis, dentro das comunidades e com os sujeitos individuais, buscando uma ocupação humana harmônica com a natureza e seus recursos, pautada na cooperação, nas relações comunitárias, no diálogo, na conscientização e na valorização cultural dos povos de resistência enquanto sujeito de enunciação de paradigmas de transformação.

Conclusão

A ocupação humana de um sujeito ou grupo social está relacionada com sua posição ecológica dentro de um ecossistema, relacionada com sua maneira de se relacionar com a natureza, que pode ser negativa/destrutiva/alienada ou positiva//sustentável/consciente. Assim, para a transformação de ocupações humanas pautadas no paradigma capitalista e o desenvolvimento das mesmas baseadas na Agroecologia é fundamental que exista diálogos com profissões com a TO, que busca entender a ocupação humana e tem a capacidade de intervir nessa ocupação, e construir espaços para superação de padrões ocupacionais baseados no paradigma capitalista/agroindustrial, juntamente com outros profissionais em uma relação interdisciplinar.

Referências bibliográficas

- SIMÓ ALGADO, S. Terapia Ocupacional eco-social: hacia una ecología ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 7-16, 2012.
- SIMÓ ALGADO, S. Terapia ocupacional eco-social. La ocupación humana frente a la globalización. *TOG (A Coruña)*, v.10, n.17, 2013. Disponível em: <<http://www.revistatog.com/num17/pdfs/ecosocial.pdf>> Acesso em: 10 de janeiro de 2017.
- ALMEIDA, M. C. de et al. Glossário de base para a Terapia Ocupacional na Assistência Social. In.: CHAGAS, J. N. de M. et al. (Orgs). *Terapia Ocupacional na Assistência Social (SUAS)*. - Rio de Janeiro, RJ CREFITO2, 2015.
- ASSIS, W. F. T. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. *CADERNO CRH*, Salvador, v. 27, n. 72, p. 613-627, Set./Dez. 2014.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17.º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALANO et al.. Manifesto por la vida Por una ética para la sustentabilidade. *Ambient. soc.* no.10 Campinas Jan./June 2002.
- GUHUR D. M. P.; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: CALDART, R. et al. (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 59 - 67.
- LEFF, Enrique. Agroecologia e saber ambiental. *Agroecol.e Desenv.Rur.Sustent.*, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002.
- PEREIRA, M. C. de D. Revolução Verde. In: CALDART, R. et al. (org.). *Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012, p. 685 - 689.
- SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. Unidade 2 – A pesquisa científica. In.: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- WALSH, C. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.9: 131-152, julio-diciembre 2008.